

O rio das Quatro Luzes

Ao ver passar o cortejo fúnebre, o menino disse:

- *Mãe: eu também quero ir numa caixa daquelas.*

A alma da mãe estremeceu na mão do miúdo. O menino sentiu esse arrepio, como uma descarga da alma na corrente do corpo. A mãe puxou-o pelo braço e repreendeu-o:

- *Nunca mais digas isso* - um esticão a enfatizar cada palavra.

- *Porquê, mãe? Eu só queria ir a enterrar como aquele morto* – respondeu o menino.

- *Estás a ver? Disseste outra vez* – repreendeu a mãe.

Ele sentiu a angústia na sua mãe já vertida em lágrimas. Calou-se, guardado em si. Ainda olhou para o desfile com inveja: ter alguém assim que chore por nós, quanto vale uma tristeza dessas?

À noite, o pai foi visitá-lo na penumbra do quarto. O menino suspeitou: nunca o pai lhe dirigira um pensamento. O homem começou por uma tosse solene, anunciando a seriedade do assunto. Que a mãe o informara sobre os seus comentários soturnos no funeral. O que se passava, afinal?

- *Eu já não quero ser criança* – explicou o menino.

- *Como assim?* – perguntou o pai.

- *Quero envelhecer rapidamente, pai. Ficar mais velho do que tu.*

De que valia ser criança se lhe faltava a infância? Este mundo não estava para meninices. Por que nos fazem com esta idade, tão pequenos, se a vida aparece sempre adiada para outras idades, outras vidas? Deviam-nos fazer já graúdos, ensinados a sonhar com conta e medida.

- *Meu filho* – disse, então, o pai -, *tens que gostar de viver. Deus deu-nos esse milagre. Faz de conta que a vida é uma prenda.*

Mas o menino permanecia em desistência de tudo. Sem nenhum portanto nem consequência. Até que certa vez decidiu visitar o avô. Ele certamente o escutaria com mais paciência.

- *Avô, o que é preciso para se ser morto?*

- *É necessário ficar nu como um búzio* – respondeu o avô.

- *Mas eu estou nuzinho tantas vezes...*

- *Tem que se ser leve como a lua* – respondeu então o avô.

- *Mas eu já sou levezinho como a ave penugenta.*

- *É preciso mais: é preciso ficar-se escuro na escuridão* – respondeu o avô.

- *Mas eu já sou muito escurinho. Escuro como sou, nem de noite me distingo do pirilampo avariado.*

Então o avô propôs-lhe um negócio. As leis do tempo fariam prever que ele fosse retirado primeiro da vida. Pois ele falaria com Deus e requeria mui respeitosamente que se procedesse a uma troca: que o miúdo falecesse no lugar do avô.

- *A sério, avô? Vais pedir isso por mim?* - perguntou então o menino.

- *Juro, meu filho. Eu amo demais viver. Vou pedir a Deus.*

E ficou combinado e jurado. A partir daí, o menino visitava o avô com a ansiedade do capuchinho vermelho. Desejava saber se o velho não estaria atacado de doença, falho no respirar e com o coração gaguejado. Mas o avô continuava direito e são.

- *Tens rezado a Deus, avô? Tens-lhe pedido consoante o combinado?*

O avô respondia sempre que sim, que tinha endereçado os requerimentos combinados, mas que esperava deferimento, ensinado pela paciência. E dava-lhe este conselho: ele que,

entretanto, fosse menino, distraíndo-se nas brincadeiras. E contou-lhe os lugares secretos da sua infância, mostrou-lhe as grutas junto ao rio, perseguiram borboletas, adivinharam pegadas de bichos. O menino, sem saber, iniciava-se nos amplos territórios da infância. Na companhia do avô, o moço acriançava-se, convertido em menino. E assim foi sendo.

Uma certa tarde, o avô visitou a casa dos seus filhos, sentou-se na sala e ordenou que o neto saísse. Queria falar a sós com os pais da criança. Então o velho explicou: a criança é como o amor, não se desempenha sozinha. Faltava aos pais serem filhos, tornarem-se miúdos com o miúdo. Faltava aceitarem despir a idade, desobedecerem ao tempo, esquivarem-se do corpo e do juízo. E concluiu:

- *Esse é o milagre que um filho oferece - nascermos noutras vidas.*

E acrescentou:

- *E agora vou-me embora, porque senão ainda adormeço com as minhas próprias palavras.*

- *Fique, pai* – disse-lhe o pai do menino.

E o avô respondeu:

- *De tão velho, sou como o cigarro: adormeço na orelha.*

Ergueu-se e, na soleira, rodou como se tivesse sido assaltado por um pedaço de lembrança. Acorreram em aflição. O que se passava? O avô serenou: era apenas cansaço. Os outros insistiram, sugerindo exames médicos.

- *O pai vá e descanse com muito cuidado* – aconselhou o pai do menino.

E o avô respondeu:

- *Não são esses os cansaços que me pesam. Pelo contrário, agora ando mais celestial do que uma nuvem. Esta fadiga é fala de Deus, mensagem que estou a receber na silenciosa língua dos céus. Estou a ser chamado. Quem sabe, meus filhos, se esta é a nossa última vez?*

O casal recusou despedir-se. Acompanharam o avô a casa e sentaram-no na cadeira da varanda. Era ali que ele queria repousar. A olhar para o rio, lá em baixo. E ali ficou, em silêncio. De repente, viu a corrente do rio inverter a direcção. E disse:

- *Viram? O rio já se virou.*

Sorriu. Estava confirmado o improvável vaticínio. E então cedeu às pálpebras. O seu sono ficou sem peso. Antes, ainda murmurou no ouvido do seu filho:

- *Diz ao meu neto que eu menti. Nunca fiz pedido nenhum a nenhum Deus.*

Não houve necessidade da mensagem. Longe, na residência do casal, o menino sentiu reverter-se o caudal do tempo. E os seus olhos intemporaram-se em duas pedrinhas. No leito do rio afundaram-se quatro luzes.

Da feição que fui fazendo, contei-vos o motivo do nome deste rio que se abre na minha paisagem, em frente à minha varanda. O rio das Quatro Luzes.